

Entre o Luto e a Luta: uma análise de especiais jornalísticos sobre os coveiros na pandemia¹

Helena Drummond Alvarenga Martins da Costa²

Letícia do Nascimento Torres³

Verônica Soares da Costa⁴

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MG

Resumo

O artigo analisa duas reportagens digitais produzidas durante a pandemia de Covid-19 que abordam o cotidiano de sepultadores: “Lágrimas Invisíveis” (UOL) e “Rota da morte: a história de quem vive de partidas” (UFPR). A pesquisa investiga como recursos do webjornalismo, analisados a partir de uma perspectiva sociossemiótica, contribuem para a construção de narrativas humanizadas sobre esses profissionais historicamente invisibilizados. Adota-se uma abordagem qualitativa, com foco na análise narrativa e suas dimensões verbo-visuais. Os resultados apontam que as reportagens exploram a dimensão emocional do trabalho funerário, afastando-se de uma construção restrita a estigmas sociais.

Palavra-chave: coveiros; webjornalismo; subjetividade.

Introdução

No dia 26 de fevereiro de 2020, foi registrado no estado de São Paulo o primeiro caso de coronavírus em território brasileiro. Aproximadamente um mês depois, o país entrou em quarentena, e junto a ela, medidas emergenciais como o distanciamento social e o uso de máscara passaram a ser procedimentos necessários para conter a transmissão da doença. No entanto, nem todos tiveram a opção de aderir ao isolamento: atividades de fornecimento de insumos e materiais necessários à sobrevivência, saúde, abastecimento e segurança da população não puderam ser interrompidos. Dentre as profissões que atuaram na linha de frente, estavam os coveiros, que assim como os médicos e enfermeiros, foram diretamente impactados pelo vírus que assolou o país.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC MG, email: helenadrummond@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC MG, email: leticiatorresnasc@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC MG, email: veronicacosta@pucminas.br

Esses profissionais funerários, normalmente invisibilizados, ganharam destaque na mídia por sua atuação incessante em meio ao cenário de caos, superlotação de cemitérios e más condições trabalhistas. Contudo, essa atenção midiática se mostrou passageira, uma vez que após o fim da pandemia, esses profissionais perderam destaque nas notícias.

Segundo Nelson Traquina (1993), o jornalismo cumpre uma função social imprescindível ao construir narrativas que promovem o debate público. Ao trazer situações do cotidiano para as páginas dos jornais, confere-se a esses temas uma visibilidade e uma relevância que, muitas vezes, não seriam alcançadas por outros meios. Assim, a prática jornalística não apenas influencia a realidade, mas também é constantemente moldada por ela.

Os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade. E as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (Traquina, 1993, p. 168).

Isso significa que o trabalho jornalístico - assim como a construção de notícias - pode promover o engajamento e a sensibilização em torno da atuação dos coveiros, além de contribuir para uma mudança na percepção sobre esses profissionais. Partindo dessa reflexão, este estudo analisou duas reportagens publicadas em plataformas digitais: a primeira, intitulada “*Rota da morte: a história de quem vive de partidas*”, produzida em 2021 por estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR); e a segunda, “*Lágrimas Invisíveis*”, assinada pela jornalista Priscila Carvalho e publicada pelo UOL. O objetivo foi compreender de que maneira a subjetividade do jornalista (Moraes, 2019) e os elementos semióticos identificados nas textualidades (Leal, 2018) contribuem para a construção da imagem desses trabalhadores, impactando diretamente sua visibilidade e reconhecimento social.

Pandemia: a morte em foco

Entre 2020 e 2021, o Brasil registrou um total de 633 mil mortes por Covid-19⁵. Foi dessa forma que a maioria das manchetes noticiou a pandemia: por meio de números frios e estatísticas. Milhares de pessoas - com famílias, profissões, histórias e sonhos -

⁵ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35685-municipios-maiores-implementaram-mais-politicas-para-enfrentar-a-covid-em-2020>. Acesso em 30 mai. 2025.

foram reduzidas a dados em gráficos e colunas nos jornais. A morte se tornou um tema cotidiano, e os olhos do mundo estavam voltados para as constantes atualizações sobre a pandemia.

As medidas de segurança também foram amplamente debatidas, especialmente em relação ao isolamento social. Enquanto profissionais de determinadas áreas puderam se adaptar a essa nova realidade, os trabalhadores dos chamados “serviços essenciais” precisaram continuar atuando em meio à incerteza e aos riscos impostos pela doença. Definidos por meio da Lei nº 13.979/2020, os serviços essenciais são aqueles cuja interrupção comprometeria a sobrevivência, a saúde ou a segurança da população, sendo, portanto, indispensáveis ao atendimento das necessidades urgentes da sociedade. Nesse contexto, os serviços funerários também se enquadraram como essenciais. Durante a pandemia, os profissionais que atuam nas diversas áreas relacionadas à morte não apenas precisaram continuar trabalhando, como também enfrentaram um aumento repentino no número de óbitos, o que levou ao colapso de diversos cemitérios pelo país.

Como afirma Traquina (2005, p. 203), as notícias são construções jornalísticas, narrativas “elaboradas com a utilização de padrões industrializados, ou seja, formas específicas que são aplicadas aos acontecimentos, como, por exemplo, a pirâmide invertida”. Esse modelo se intensifica em contextos de alta demanda e escassez de tempo, como durante a pandemia, quando equipes reduzidas e frequentemente mal remuneradas precisaram cobrir uma avalanche de ocorrências. Nesse ritmo acelerado, os textos foram, muitas vezes, produzidos sem o devido aprofundamento, deixando de lado uma abordagem mais humana e sensível. Além disso, a falsa ideia de objetividade que ainda norteia parte do jornalismo tradicional contribuiu para o apagamento de questões sociais que afetam diretamente esses trabalhadores invisibilizados.

Na contramão dessa lógica dominante, destacam-se duas reportagens que propõem outra abordagem: “Lágrimas Invisíveis”, publicada em 26 de maio de 2020 no canal VivaBem, da UOL, e “Rota da morte: A história de quem vive de partidas”, produzida por Gabriel Tassi e Kássia Calonassi, estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no primeiro semestre de 2021. Ambas foram publicadas em plataformas digitais e se afastam do padrão hegemônico, apostando em uma narrativa sensível e subjetiva.

No caso dessas reportagens, a textualidade ampliada se manifesta também na escolha de recursos multimidiáticos, na disposição dos elementos visuais e até na

interação com o leitor. Como observa Leal (2018), a noção de "texto" se expande, transcendendo o verbal para abarcar um emaranhado de símbolos que, articulados, produzem sentido: imagens, links, cores, entre outros.

Para além dessa questão, cabe notar que critérios como audiência, tempo e formato remodelaram a produção jornalística, exigindo novas formas de engajamento. A aplicação dos sete princípios do webjornalismo (Canavilhas, 2014) - como hipertextualidade, multimídia e interatividade - trouxe elementos valiosos para análise justamente por não ser neutra: cada escolha técnica carrega subjetividade (Moraes, 2019), seja na curadoria dos links, na edição dos vídeos ou na disposição dos elementos na tela. Assim, o digital não apenas transformou o modo de consumir notícias, mas também intensificou a carga interpretativa inerente ao ato de narrar.

Além disso, com as novas tecnologias, os textos ficaram mais complexos e vão além das palavras. Segundo Leal (2018), eles combinam diferentes símbolos e cumprem funções sociais, culturais e informativas. Entender um texto hoje envolve mais do que só a linguagem escrita. Assim, a ideia de “textualidade” passa a referir-se também ao modo de investigar o texto para além do campo linguístico, algo que levamos em consideração na nossa análise.

Análise das textualidades das reportagens selecionadas

A reportagem “Lágrimas Invisíveis”, publicada em 26 de maio de 2020 no canal VivaBem, da UOL, mergulha com sensibilidade e rigor jornalístico na realidade de uma categoria profissional historicamente invisível: os sepultadores. Escrito por Priscila Carvalho, jornalista freelancer com experiência em grandes veículos como BBC, DW Brasil e Folha de S.Paulo, o texto resgata e valoriza as vivências desses trabalhadores durante um dos períodos mais críticos da pandemia da Covid-19.

Figura 1 Sepultador em meio às covas e flores



Fonte: Reprodução UOL / Foto: Fernando Moraes

A matéria surge em um contexto alarmante: o Brasil ultrapassava as 2.575 mortes e 40.581 casos confirmados⁶, sem perspectiva de vacinação - que só viria a se concretizar em janeiro de 2021 - e logo após a infeliz declaração do então presidente Jair Bolsonaro, que respondeu a questionamentos sobre os mortos com a frase “Não sou coveiro, tá?”.⁷

A narrativa tem como cenário os dois maiores cemitérios da América Latina e da região Norte do Brasil: o Vila Formosa, na zona leste de São Paulo, e o Nossa Senhora Aparecida (conhecido como Tarumã), em Manaus. São nesses espaços que os sepultadores James Alan, Wilker Costa e Genésio Filho desenvolvem seus trabalhos em meio ao caos sanitário, emocional e social da pandemia. Os três, homens de classe média baixa, compartilham experiências marcadas pelo medo, pela exaustão e pela resistência silenciosa diante da morte em escala industrial.

Dividida em sete intertítulos - “Mudança na rotina e excesso de trabalho”, “Cansaço mental não passa”, “Cenas que não saem da memória”, “Noites mal dormidas”, “Cuidado e higiene redobrados”, “Ajuda psicológica é fundamental” e “De culto a churrasco nas horas vagas” - a matéria permite que o leitor percorra, junto aos sepultadores, os caminhos da sobrecarga física e psicológica, das memórias traumáticas e da necessidade de manter a sanidade em meio à barbárie cotidiana.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/20/brasil-tem-2845-mortes-e-40581-casos-de-coronavirus-diz-ministerio.ghtml>. Acesso em 30 mai. 2025.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em 30 mai. 2025.

A diagramação verticalizada mantém o leitor na mesma aba do navegador durante toda a leitura, sem interferências visuais como anúncios ou pop-ups. As letras são arredondadas, em tamanho confortável para leitura, e o destaque das falas dos personagens ocorre em imagens fotográficas, onde os sepultadores são retratados de forma digna: de pé, com olhar firme e heroico, usando equipamentos de proteção, em oposição à postura negacionista que marcava parte da população e das autoridades naquele momento.

O uso das imagens possui uma função sociossemiótica (Leal, 2018) clara: elas colaboram para a valorização simbólica da profissão. Ao retratar os sepultadores com orgulho, a reportagem subverte a imagem estigmatizada e marginalizada do “coveiro”. A escolha consciente da autora em não usar esse termo, substituindo-o por “sepultador” e sempre destacando seus nomes próprios, revela respeito e uma tentativa deliberada de humanização. Essa subjetividade aparece também na linguagem: embora o texto seja escrito em terceira pessoa e a jornalista não se manifeste diretamente, o cuidado com o vocabulário e os diálogos conduzidos nas entrevistas constroem uma atmosfera empática.

Outro ponto relevante é a maneira como a narrativa evita dispersões. Os hiperlinks só aparecem ao final da matéria, estratégia que mantém o leitor focado no conteúdo até a última linha. Isso contribui para o impacto emocional, além de manter o ritmo da leitura fluido e contínuo.

A segunda reportagem analisada, "Rota da morte: A história de quem vive de partidas", produzida por dois estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Gabriel Tassi e Kássia Calonassi, no primeiro semestre de 2021, representa um notável exemplo de jornalismo humanizado em condições técnicas limitadas. Por “condições técnicas limitadas”, referimo-nos à plataforma universitária em que a reportagem foi publicada. Embora ela ofereça ferramentas básicas de multimídia e interação, ainda está distante dos recursos e da estrutura de sites profissionais, que desenvolvem todo o design digital a partir do conteúdo elaborado, como é o caso da reportagem UOL acima analisada.

Figura 2 Imagem de título para abertura da matéria



Fonte: Imagem retirada do Jornal de Comunicação

Publicada no Jornal Comunicação da UFPR, a matéria aborda com sensibilidade o cotidiano dos coveiros do cemitério municipal “Água Verde” de Curitiba durante o auge da pandemia de Covid-19, revelando os desafios enfrentados por esses profissionais essenciais em meio ao colapso do sistema funerário. Do ponto de vista técnico, a matéria demonstra como é possível produzir conteúdo jornalístico de qualidade dentro de um servidor universitário. A equipe soube aproveitar ao máximo os recursos disponíveis, criando uma narrativa envolvente que combina texto aprofundado com elementos multimídia estratégicos. O uso inteligente de imagens e destaques de falas ao longo do texto não só quebra a monotonia da leitura, mas também reforça o impacto emocional da narrativa.

Figura 3 Imagem de túmulo para abertura da matéria



Argeu é apaixonado por carros e estudou para ser mecânico, mas a vida lhe reservou outro destino.

• • •

Fonte: Reprodução de foto da reportagem

A matéria se beneficia do recurso de *scrollytelling*, revelando o conteúdo de forma progressiva conforme o leitor avança pela página. Essa abordagem não só torna a experiência mais interativa, como também ajuda a construir o ritmo da reportagem, permitindo que os momentos mais impactantes sejam entregues no tempo certo.

Do ponto de vista sociossemiótico (Leal 2018), a matéria emprega um recurso visual estratégico ao apresentar as fotografias documentais, na maioria das vezes, em formato de carrossel. Essa solução técnica não apenas amplia a imersão do leitor nos cenários retratados ao longo do texto, mas também desempenha um papel estrutural na narrativa. Ao articular a transição entre intertítulos, o carrossel estabelece uma clara demarcação entre os blocos temáticos, ao mesmo tempo em que modula o ritmo, conferindo à matéria uma dinâmica visual e textual mais fluida e segmentada.

Os termos “coveiros” e “sepultadores” são empregados de forma recorrente, mas o destaque vai para o primeiro. A matéria apurou que, dos sete profissionais entrevistados, todos homens, a maioria ingressou no ofício por herança familiar, seguindo o legado de pais ou parentes.

A reportagem se insere na tradição do jornalismo literário (Rocha e Xavier, 2013), utilizando recursos narrativos que vão além da simples transmissão de fatos. Em seu início, acompanhamos a rotina de Argeu de Souza Carrão, um dos coveiros do Cemitério “Água Verde” em Curitiba, que atuou durante a pandemia. A abordagem não se limita a descrever seu trabalho, mas mergulha o leitor em seu cotidiano por meio de uma

construção sensorial, reforçada por elementos multimídia. Ela explora o medo da contaminação, o temor de levar a doença para familiares e a constante exposição ao luto desses profissionais.

Outro traço marcante é a presença da subjetividade dos repórteres, que não se escondem atrás de uma “falsa” neutralidade. Eles descrevem suas percepções sobre as fontes, como na passagem em que caracterizam o coveiro Alexandre Dias Cardoso como “feliz, sorridente e piadista”. Essa camada interpretativa não enfraquece o rigor jornalístico, pelo contrário, aproxima o leitor do personagem retratado, conferindo profundidade a um tema muitas vezes abordado de forma superficial.

A matéria humaniza seus personagens ao explorar a relação pessoal de cada coveiro com seu ofício e suas famílias, fugindo do tratamento meramente estatístico que predominou em muitas coberturas sobre a profissão à época. Essa escolha gera empatia e transforma a reportagem em um retrato sensível daqueles que lidam diretamente com os mortos.

Conclusão

As reportagens analisadas são peças jornalísticas de caráter documental que se destacam por sua subjetividade, estrutura narrativa e sensibilidade ética. Ao contar a história dos trabalhadores funerários esquecidos pelo poder público e ignorados pela sociedade, essas narrativas não apenas informam, mas também homenageiam, documentam e eternizam.

Mais do que estudos de caso isolados, esses trabalhos ilustram um contraponto à lógica dominante do hard news, revelando como a subjetividade e os recursos multimidiáticos podem contribuir para uma cobertura mais humana e profunda. Demonstram que o jornalismo, mesmo em cenários de crise e escassez, pode construir memórias sociais e dar visibilidade a personagens historicamente marginalizados.

Trata-se de exemplos claros de como o jornalismo pode e deve atuar como instrumento de memória, justiça e reconhecimento.

Referências

BRASIL. **Lei nº 13.979/2020**, de 06 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm. Acesso em: 25 maio 2025.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom – Comunicação e Artes, 2014. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/1691> Acesso em: 25 maio 2025.

LÁGRIMAS INVISÍVEIS: Saúde mental dos sepultadores está abalada por causa do coronavírus, mas como se manter são? Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/saude-mental-dos-coveiros-em-meio-a-pandemia/#page16>. Acesso em: 28 out. 2024.

LEAL, B.; CARLOS ALBERTO CARVALHO; ALZAMORA, G. **Textualidades midiáticas**. [s.l.] Editorial UOC, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/41015/2/brunoLealTextoTextualidade.pdf/>. Acesso em: 25 junho. 2025

LEAL, Bruno Souza. **Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação**. In: SILVA, Andreia Vicente da; MENEZES, Rachel Aisengart; RODRIGUES, Claudia (orgs.). *Textualidades midiáticas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. p. 13–28. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/41015>. Acesso em: 25 maio 2025.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**. *Extraprensa*, São Paulo, v.12. 204-219, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247/155192>. Acesso em: 24 mar. 2025.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 7, n. 14, p.157, jul./dez. 2013.

ROTA DA MORTE: a história de quem vive de partidas. Disponível em: <https://jornalcomunicacao.ufpr.br/rota-da-morte-a-historia-de-quem-vive-de-partidas/>. Acesso em: 26 set. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. 271 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. Disponível em: <https://alexandraaguirreucb.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/04/traquina.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.